



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após solenidade de abertura da 9ª Conferência Global sobre Viagens e Turismo**

**Florianópolis-SC, 14 de maio de 2009**

**Jornalista:** Boa noite, senhor Presidente. (incompreensível) ...está resistindo à crise, o Brasil resiste à crise. O senhor acha que o Brasil vai continuar resistindo à crise por um tempo maior ainda? E o que o senhor pode fazer para atrair mais visitantes estrangeiros, e que fique como meta a longo prazo, para atrair mais os estrangeiros ao País?

**Presidente:** Eu acredito que o pior da crise já aconteceu, no nosso país. Aliás, não era nem para ter acontecido no volume que aconteceu, se não fosse a precipitação de alguns setores da economia terem desativado a produção para fazer o escoamento do estoque de muitas empresas, o que nos causou um problema nos meses de outubro, novembro e dezembro e, depois, em janeiro e fevereiro. Em março nós já começamos a sentir uma certa recuperação de vários setores da economia brasileira. Não é o momento ainda de termos otimismo, mas é o momento de nós acreditarmos que o Brasil vai sair mais rápido dessa crise, e vai sair mais forte.

Do ponto de vista dos investimentos públicos, nós continuamos com todos os investimentos públicos que nós estávamos fazendo, aumentamos mais os investimentos porque resolvemos antecipar a exploração do petróleo no pré-sal. E achamos que sempre pode ter um problema no turismo, na medida em que as pessoas, com medo do que vai acontecer no futuro, resolvam fazer uma poupança maior e guardar o dinheiro, à espera de melhores oportunidades.

De qualquer forma, nós temos um potencial, também, de turismo interno.



Nós vamos continuar incentivando o turismo interno, porque acreditamos que o Brasil ainda não utiliza 15% do seu potencial turístico, nem para o turismo externo e, muito menos, para o turismo interno. Ou seja, nós somos um país novo, com uma experiência nova na questão do turismo. Até porque nós só criamos o Ministério do Turismo em 2003, e o Ministério do Turismo está elaborando toda uma estratégia de desenvolvimento do turismo para o Brasil.

Eu acredito que o Brasil sofrerá pouco impacto no turismo, porque nós somos um país ainda muito incipiente em transformar o turismo em uma indústria de desenvolvimento no nosso país. Mas, certamente turistas espanhóis, certamente turistas portugueses, certamente turistas de outros países que estão em crise ficarão mais comedidos e, quem sabe, possam cancelar alguma viagem. De qualquer forma, nós temos que incentivar o turismo interno, para que haja uma compensação.

Eu continuo muito otimista com a possibilidade turística do Brasil. E acho que um evento como este que nós assistimos aqui é uma demonstração de que nós temos passos importantes ainda para dar, no campo do turismo.

**Jornalista:** Boa noite, Presidente. Minha pergunta está relacionada à infraestrutura. Eu entendo que o governo federal está fazendo esforços comprometidos com o incentivo do turismo local, nacional e internacional. No entanto, nós ainda apresentamos falhas de infraestrutura. Um dos exemplos é o nosso aeroporto aqui, de Florianópolis. Eu queria saber como o governo federal se coloca nesse contexto de desenvolvimento da infraestrutura, para poder atender a essa demanda que está buscando.

**Presidente:** Eu disse em uma reunião que eu participei com os empresários, que eu ousei dizer aqui na frente da imprensa, que nenhum país no mundo, hoje, tem os investimentos em infraestrutura que o Brasil tem. Hoje nós temos obras do governo federal em todos os estados brasileiros, em 99% dos



municípios brasileiros. Nós estamos fazendo a maior recuperação de estradas já feita na história do Brasil. Estamos fazendo investimentos em estradas novas em todo o território nacional. E eu acho que isso vai possibilitar que a gente tenha um futuro muito mais promissor na questão do turismo.

Nós, na verdade, temos um projeto para melhorar todos os aeroportos brasileiros, todos. Todos eles estão no PAC, para que a gente possa fazer. Agora, os aeroportos precisam ter projetos definidos, projetos executivos, licenciamento, para que a gente possa começar a construir. Essa é uma decisão do governo, incluída no PAC, que está subordinada ao Ministro da Defesa. Nós tínhamos várias obras em outros aeroportos que pararam, por conta de divergências com o Tribunal de Contas da União, mas nós esperamos que isso seja resolvido logo, até porque eu acho que o aeroporto de Florianópolis está acanhado para a dimensão turística do estado de Santa Catarina e da cidade de Florianópolis.

**Jornalista:** Senhor Presidente, que novas questões, que novos problemas o senhor acha que foram levantados (incompreensível) viagens globais, pela febre suína e a sua epidemia, e quão bem a indústria de turismo está enfrentando a crise ao turismo, pela febre suína?

**Presidente:** Eu penso que o mundo, orientado pela Organização Mundial da Saúde, agiu rapidamente para evitar que a gripe suína se alastrasse, ou com pessoas que pegassem a gripe ou com o pânico, às vezes, dada a dimensão do noticiário da gripe suína. No Brasil nós temos oito casos, dos quais quatro casos já totalmente resolvidos. Pessoas que vieram do México, duas parece que vieram dos Estados Unidos. Eu tenho recebido relatórios diários do Ministério da Saúde. Há um controle mais rígido nos aeroportos, vamos manter esse controle. Se cada país fizer o controle no aeroporto, detectar as pessoas que estão vitimadas pela gripe, eu acho que nós poderemos controlar e fazer



com que a gripe não se alastre, como se dizia no início. Eu acho que nós precisamos trabalhar mais, muito mais afinados para não permitir que essa gripe possa atrapalhar não apenas o turismo, mas que essa gripe não possa matar mais gente. Me parece que no México também já há um controle melhor, nos Estados Unidos, e eu acho que nós agimos rapidamente para evitar que essa crise [gripe] se transformasse em uma epidemia.

**Jornalista:** Boa noite, senhor Presidente. Boa noite, Governador, Ministro do Turismo, membros do WTTC. Presidente, eu gostaria de focar um outro aspecto que também é igualmente importante para Santa Catarina, além da questão do turismo. Com é que está a situação do envio dos recursos federais para as áreas atingidas pelas chuvas em Santa Catarina, pela enchente do ano passado? E agora, Santa Catarina está convivendo com uma estiagem de quase cinco meses. O que o governo federal tem de medidas para as cidades que estão sendo atingidas pela estiagem aqui em Santa Catarina?

**Presidente:** Você sabe que o pior não é Santa Catarina. O pior é que nós temos hoje, praticamente, todo o Norte do país e todo o Nordeste do país vitimados pelas enchentes. Eu acho que alguém provocou a ira de São Pedro e ele resolveu desaguar a água do ano inteiro em poucos meses.

Nós acabamos de mandar uma medida provisória para o Congresso Nacional, de liberação de mais R\$ 1 bilhão para a gente atacar o problema das enchentes no Norte e no Nordeste. O dinheiro de Santa Catarina - ainda ontem eu tive uma reunião com o ministro Geddel, que tinha conversado com o governador do estado - o dinheiro está saindo com a maior normalidade possível. O que acontece é que às vezes é preciso que haja apresentação pelo prefeito, pelas administrações públicas locais, das coisas concretas que nós precisamos fazer, porque o dinheiro foi disponibilizado. O Geddel tem visitado não apenas Santa Catarina, mas os estados do Norte e do Nordeste.



E aquilo que eu disse quando vim fazer a visita aqui, na época da enchente, é que para nós o ideal é que a gente possa prestar contas mensalmente do dinheiro que foi disponibilizado, para saber se a burocracia está atrapalhando, se é no governo federal, se é no governo estadual, se é no município, ou onde está atrapalhando, porque o dinheiro está disponível.

\_\_\_\_\_ : Eu posso intervir, Presidente?

**Presidente:** Pode, querido.

\_\_\_\_\_ : O fluxo de recursos, conforme combinado, conforme anunciado pelo Presidente, está seguindo normalmente, o fluxo de recursos está vindo. Nós temos só um problema, que o Presidente vai resolver, que é uma exigência da Caixa Econômica e do Ministério das Cidades, de só liberar os recursos das casas para o município que apresentar a escritura. Os municípios compraram os terrenos. Nós passamos o dinheiro para os municípios comprarem os terrenos. Eles já estão emitidos na posse, mas a Caixa Econômica e o Ministério das Cidades, a “burocracia” está exigindo que a prefeitura apresente a escritura definitiva, não basta o compromisso de compra e venda. Mas o Presidente, acredito, não sabia disso, está sabendo agora, vai determinar que aceitem o compromisso de compra e venda, e aí o fluxo dos recursos vai seguir também normalmente para a construção das casas.

**Presidente:** O que é importante é que o mais difícil era a gente aprovar, no Congresso Nacional, o dinheiro para reparar os efeitos das enchentes. Ele já foi aprovado, portanto, agora, ele tem que fluir. A seca... graças a Deus, começou a chover hoje em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no norte do Paraná. Parece que a seca não vai precisar tanto de dinheiro do governo federal. Mas, se precisar, nós vamos ter que fazer a ajuda necessária, porque



são brasileiros que estão sendo vitimados pelas intempéries, e nós precisamos cuidar disso.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Parabéns pelo esforço de falar em português.

Primeiro, o Brasil já tem uma relação estratégica com a China. A China hoje é, praticamente, o primeiro parceiro comercial do Brasil. Eu vou visitar a China agora, no dia 18 deste mês. Na próxima segunda-feira estarei em Pequim. Espero que o presidente Hu Jintao visite o Brasil ainda este ano, e nós temos muitas coisas para conversar. Nós temos, eu diria... Brasil e China têm um potencial dez vezes maior do que nós estamos hoje vivenciando na nossa balança comercial. Nós temos projetos de interesse da China aqui no Brasil, os chineses têm projetos de interesse do Brasil, e nós queremos estreitar fortemente a relação Brasil e China. Para nós é estratégica e para a China é estratégica essa parceria.

A questão do turismo, nós vamos trabalhar. Nós vamos fazer um seminário empresarial e o nosso pessoal do Turismo estará em Xangai. Eu espero que... uma das dificuldades que nós temos para ir à China e para voltar é a questão do transporte. Era preciso... Nós ainda vamos ter que criar um vôo direto Brasil-China, China-Brasil, para que a gente possa fazer fluir não apenas o nosso comércio, mas também as atividades de turismo que tanto nós precisamos.

Eu estou muito otimista na parceria com a China. Acho que cada vez mais a China e o Brasil estão se integrando, estão fazendo políticas de complementaridade. E eu vou agora... Além de ir para a China, no mês que vem estarei encontrando com o presidente Hu Jintao outra vez, na Rússia, na reunião dos Bric's. Portanto, eu acho que está tudo encaminhado para que a



gente possa trabalhar juntos, sobretudo agora, na exploração de petróleo do pré-sal, que nós queremos construir uma parceria com a China.

**Jornalista:** Presidente, boa noite. Presidente, por que mexer na poupança? O senhor não teme um desgaste, em função das críticas da oposição, que já compara o senhor a um novo Collor? Eu queria saber se haverá alguma alteração na proposta que será enviada ao Congresso. Obrigada.

**Presidente:** Primeiro, é importante lembrar que essa parte da oposição que critica estava com o Collor em 89. Primeira boa lembrança. A segunda lembrança é que nós não mexemos na poupança. Noventa e nove por cento dos poupadores brasileiros ficarão exatamente como estavam.

O que nós não podemos, por responsabilidade, é permitir que a poupança vire um fundo de investimento. É por isso que nós garantimos todos os poupadores... Não sei se você sabe, 56% dos poupadores da Caixa Econômica Federal têm até R\$ 100. Até R\$ 10 mil, nós temos 86% dos poupadores da Caixa Econômica Federal. O que nós fizemos foi dizer o seguinte: se alguém quiser fazer grandes investimentos, que faça em outros fundos, mas não faça na poupança, porque a poupança tem um endereço certo, que é financiar saneamento básico e habitação no País.

E o que nós fizemos, minha querida? Até outro dia, todo mundo estava reivindicando que era preciso reduzir a taxa Selic. A taxa Selic entrou em uma rota de redução. Na medida em que a taxa Selic cai, nós não podemos permitir que o dinheiro... A poupança passa a ser um dos fundos com maior rendimento, e nós não podemos permitir que pessoas que tenham 1 milhão, 2 milhões, 3 milhões, 4 milhões fiquem colocando na poupança. O que nós queremos é que essas pessoas invistam em setor produtivo, que comprem um apartamento, que comprem um carro, que façam uma casa, que fiquem sócios, que comprem ações, porque o que nós queremos é desenvolver a economia e



não atrapalhar o desenvolvimento da poupança, que é muito importante no Brasil.

Então, eu ouvi alguns discursos da oposição, e eu acho que... eu não sei como é que as pessoas, descaradamente, mentem para a opinião pública, achando que a opinião pública não tem inteligência para perceber o deslante das acusações delas. No fundo, no fundo, no fundo, o que eles queriam era que nós fizéssemos o que tinha sido feito no passado. Como nós garantimos os poupadores brasileiros, não mexemos, vão continuar ganhando a mesma coisa, então eu acho que eles não sabem o que fazer. Eu tenho muita pena de um país que tem uma oposição que perdeu o discurso. Aí começam a falar coisas em que nem eles acreditam.

Agora, gente, eu queria agora pedir desculpas ao Governador, deixar o Governador e o Ministro do Turismo aqui para conversar com vocês, porque eu vou pegar uma hora de estrada, agora, para ir até Floripa, tá?

Obrigado, parabéns. Façam boas perguntas para eles.

(\$31DGJLMP)